

Adiado corte dos juros

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Dentro da estratégia do governo de blindar a economia, o Banco Central ignorou os riscos embutidos nas denúncias de corrupção na ata da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) da semana passada, quando a taxa básica de juros (Selic) foi mantida em 19,75% ao ano pelo segundo mês consecutivo. Entre os analistas, ficou claro que possíveis efeitos na economia foram considerados pela diretoria do BC e ajudou a ampliar o conservadorismo do Copom. Mas, para não alarmar o mercado, a ata fixou suas preocupações no comportamento dos preços do petróleo no mercado internacional e na capacidade de aumento da produção para atender o crescimento futuro da demanda.

Ainda assim, os analistas estão mais pessimistas quanto à possibilidade de queda dos juros em agosto. Segundo o economista Ricardo Amorim, chefe em Nova York do Departamento de Pesquisas para a América Latina no Banco WestLB, para que isso ocorra é necessário que o dólar continue na faixa dos R\$ 2,35 nas próximas semanas, que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de julho fique em, no máximo, 0,3% e que o presidente Lula e o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, não sejam envolvidos nos escândalos. "Aí será muito provável que a Selic só caia a partir de setembro", destacou.

Já o economista-chefe do Banco Modal, Alexandre Póvoa, aposta que o corte só virá em outubro. "A crise política traz volatilidade ao mercado e potenciais consequências negativas para a economia via taxa de câmbio." A seu ver, se os preços do dólar continuarem sob pressão das compras feitas por investidores nacionais como forma de proteção, pode-se desfazer o cenário benigno para a inflação.

Na avaliação do economista Carlos Thadeu Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a crise política não será suficiente para minimizar os efeitos positivos da inflação. "Ao ressaltar que 'a estratégia de política monetária será prontamente adequada às circunstâncias', o Copom se renderá à realidade e cortará juros em agosto em 0,5 ponto percentual" assinalou.

Para o economista-chefe da Sul América Investimentos, Newton Rosa, a ata do Copom é ambígua. Na leitura otimista, a inflação continuará em queda, com a atividade econômica a passos mais lentos. Nesse contexto, os juros caem em agosto. Na pessimista, o dólar sobe, pressionando a inflação, e os juros se mantêm em 19,75% por mais tempo. "Estou otimista. Mas só vejo a Selic caindo a partir de setembro", afirmou.